

Era uma vez certa menina triste
e um rapazola muito encabulado
que à tarde caminhavam lado a lado
por uma rua que não mais existe,
de um arrabalde simples e afastado
que na minha memória ainda persiste
e me recorda o instante em que partiste
e me estendeste a mão, desamparado,
num adeus que afinal se eternizou...
Nunca mais encontrei-te como antes,
nunca mais perguntaste como estou...
A vida impõe castigos revoltantes,
do jeito deste que nos condenou
a ficarmos tão perto... e tão distantes...
Distantes, Mírian Marile de Almeida Aguiar

Nós somos como as linhas paralelas:
andamos lado a lado e, mesmo assim,
não toco em você, nem você em mim.
Tal qual a convivência das estrelas
que reluzem no céu nas noites belas,
mesmo mantendo-se à distância, enfim,
separados, mas buscando o mesmo fim,
trilhamos diferentes passarelas.
Vivemos um amor quase platônico,
sujeito ao crivo de um destino irônico,
o que me deixa triste, um ser aflito.
Felizmente, ainda existe uma esperança:
depois da tempestade, vem a bonança;
espero nosso encontro no infinito.
Linhas paralelas, Hamilton Carneiro

O soneto resume, em poucos versos,
belos fatos e ideias valiosas,
no qual, os pensamentos são imersos
e revelam imagens gloriosas.
Na Itália, por Petrarca, foi criado,
firmando-se na França, com Ronsard,
sendo, em Portugal, muito cultivado:
Bocage e Camões, podemos citar.
Veio para o Brasil ainda cedo:
Machado de Assis, Olavo Bilac,
Raimundo Correia e outros de destaque;
Cláudio Manoel, Artur Azevedo,
Alberto de Oliveira; na verdade,
são tantos, tantos, uma infinidade!
O soneto, Moacyr Costa Ferreira

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVI, Nº 04 – 2012 ABRIL
Assinatura até 31.12.12: 08 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Eram três.
(Veio o dia com seus machados).
Eram duas.
(Assas rasteiras de prata).
Era uma.
Era nenhuma.
(Ficou desnuda a água).

Federico Garcia Lorca, Cortaram três árvores.
SF9707 e correção da SF0808

Clássicos Contemporâneos, Antologia Literária Internacional 2009, Mário Pacheco Scherer – Editora: escritoresbrasileiros@gmail.com
Rua Dom Pedro II 903, Cj. 203, CEP 90550-142 – Porto Alegre/RS (Gentileza de Amália Marie Gerda)

Bom timoneiro não teme,
nem do perigo se esquivava,
porque Deus segura o leme
se o barco fica à deriva.
Analice Feitosa de Lima, 1112
A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Rosa pode ser mulher
e também pode ser flor,
mas a rosa sempre quer
ser tratada com amor.
Clênio Borges, 1104
Trovas e Poemas
rparuche@gmail.com

Deus nos mostra o paraíso
onde o amor está presente,
e na magia do sorriso
de uma criança inocente.
Ivone Vebber

Favor algum nós fazemos
tendo o verde por defesa;
e nós mesmos defendemos
protegendo a natureza.
Jesse Nascimento, 1202
O Patuço: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

Não sabias que os caminhos
que nos dão felicidades,
têm rosas... mas têm espinhos
em maiores quantidades?
Miguel Russowsky, 1112 Fanal:
Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

Duas ciências, danosas,
política, e religião;
são tredas, e perniciosas,
contra o princípio, cristão...
Pedro Grilo, 1202 Trinos
da Pitiguar: Rua Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Pode parecer legal
feito casar com bonito
porém eu não acredito
nessa união desigual.

Peço ao ilustre prefeito
que escale um assessor
para tapar os buracos
que Chico Franca deixou.

Na copa do arvoredor
ao romper da madrugada
o canto do passerado
saudava a linda alvorada.

Ao te beijar com ternura
notei teus olhos brilhantes
quais estrelas cintilantes
piscando na noite escura.

Não é só o beijo ardente
que mexe com o coração
o que mais cativa a gente
é o beijo da gratidão.

Ajuda ao teu semelhante,
seja de noite ou de dia
Deus te dará o bastante:
saúde, paz e alegria.

Eslu Eloy, em Autores Parahybanos 1999, www.estantevirtual – Gentileza de Maria do Socorro Xavier

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.04.12, enviar até 3 haicus de quigos: Ipê amarelo, Poluição, Rio Minguante.
Até o dia 30.05.12, enviar até 3 haicus de quigos: Corte de cana, Ingarana em flor, Noite gélida.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br

QUIDAIAS DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Em meio a neblina
multidão de transeuntes
calada, solitária.

Atalho de estrada
na pequena manjedoura
ovos de codorna.

Gato no telhado
agitando os periquitos
– chuva de goiabas!

Amendoim torrando...
Crianças alvorçadas
largam os brinquetes.

Caquis na fruteira
a visita inesperada
de uma abelha.

Um laço de fita
completa o buquê de flores...
– imóvel libélula.

Em meio à pastagem
um rebanho pachorrento
e a paineira altiva.

Teruko Oda, Nos caminhos do haicai, 1993, www.estantevirtual

HAICUS BRASILEIROS EM FOLHA

Chuva, anoitece.
Eta relâmpago e a silhueta
da cidade aparece. K
Alberto Siuffi

No meio da estrada,
relâmpagos iluminam
homem apressado. K
Analice Feitosa de Lima

Chega do mercado
sacola de poucãs;
– somem na hora! K
Denise Cataldi

Participando
da campanha contra a dengue.
Dia do Escoteiro. U
Flávio Ferreira da Silva

Guris perfilados
e a bandeira sendo içada.
Dia do Escoteiro. A
Manoel F. Menendez

Em cima da pia
em prato de porcelana,
poncã descascada. U
Neuza Pommer

Tarde de verão.
Coreografia das nuvens
em meio aos relâmpagos. C
Roberto Resende Vilela

Na noite abafada,
o horizonte se ilumina...
Relâmpagos piscam. C
Amália Marie Gerda

No meio da rua,
sobre a casca de poucã
criança escorrega. U
Analice Feitosa de Lima

Meninos garbosos
praticam boas ações.
Dia do Escoteiro. C
Djalda Winter Santos

Tempestade.
Relâmpagos e trovões.
Sobressalto. U
Flávio Ferreira da Silva

Seguidos
relâmpagos.
Céu iluminado. K
Manoel F. Menendez

Dia do Escoteiro.
Na sede do acampamento,
garotos reunidos. C
Renata Paccola

Árvore arriada
e cheia de passarinhos.
Poncãs maturadas. U
Roberto Resende Vilela

Armando as barracas
e irmanados no trabalho:
– Dia do Escoteiro. C
Amália Marie Gerda

Corta o negro céu
forte clarão de relâmpago,
pessoas se assustam. U
Angélica Villela Santos

Trovões e relâmpagos
no terrível temporal.
Vovó assustada. K
Djalda Winter Santos

Chácara lotada
correria e gargalhadas.
Dia do Escoteiro. K
Iracema Gomes

Bandeira hasteada;
perfilados, cantam hinos.
Dia do Escoteiro. C
Neuza Pommer

Relâmpago assusta
mulher que atravessa a rua.
Volta para casa. K
Renata Paccola

Poncã.
Formigas entram e saem
da casca vazia. B
Sérgio Baldan

Menino animado,
para encontrar os amigos.
Dia do Escoteiro. C
Analice Feitosa de Lima

Turma reunida,
na alegria comemora
Dia do Escoteiro. U
Argemira F. Marcondes

De soslaio,
surrupiu a poncã.
Enganou a fome. K
Flávio Ferreira da Silva

De repente, um clarão,
luzes se apagam.
Relâmpago. K
Iracema Gomes

Olhos assustados
da menina à janela.
Clarão de relâmpago. K
Neuza Pommer

No supermercado,
um pedaço de poncã
para degustar. U
Renata Paccola

Dia do Escoteiro.
A molecada na rua
de chapéu-jornal. C
Sérgio Baldan

O M A R I D O S A N G U I N Á R I O

Nelson Rodrigues, A vida como ela é... O homem fiel e outros contos, Seleção Ruy Castro, 6ª reimpressão, 1995: www.estantevirtual – Gentileza de Lúvia Lacerda Menendez

No telefone, Glorinha dramatizou:
– Eu vou, ouviu? Eu vou, mas uma coisa eu quero que tu saibas: eu nunca traí o meu marido, nunca. É a primeira vez. Te juro pela vida dos meus dois filhos!

Do outro lado da linha, Eurilo admitia: – “Eu sei, meu anjo, claro. Nunca duvidei de ti”. Em seguida, dita o endereço: – “Toma nota, benzinho, toma nota. É rua tal, número tal, quase na esquina com Duvivier. Tomaste nota? Olha: quatro horas”.

Glorinha escreveu as indicações num papel. E Eurilo despedia-se:

– Um beijinho nessa boca.
Respondeu, por entre lágrimas:
– Pra ti também.
Desligado o telefone, Eurilo vira-se para o Miranda, seu companheiro de trabalho. Com os beijos trêmulos e o olho rútilo, anuncia:
Está no papo. Não tem nem castigo.

O PRIMEIRO PECADO

Glorinha não mentia, nem exagerava. Desde que se casara, há cinco anos, jamais se permitira um olhar, um sorriso, que pudesse justificar uma dúvida, uma suspeita. Nas suas conversas

com amigas, vizinhas, era taxativa: achava a infidelidade o fim. Pois bem. No quinto ano de casada conhece Eurilo numa fila de ônibus. Interessante é que, desde o primeiro momento, foi uma indefesa, uma derrotada diante desse homem quase belo. Antes de saber-lhe o nome, sentiu-se uma conquistada. Depois, viajaram, no ônibus apinhado, em pé, lado a lado, cada um na sua argola. Ele arriscou uma palavra, uma frase: ela, nervosíssima, respondeu. E bastou. Assim começou o romance. Glorinha apertava a cabeça entre as mãos: – “Sabe que eu estou admirada comigo mesma?”. Mas não ad-

mitia nenhuma intimidade material. Ou por outra: – admitia, quando muito, o beijo na mão, e só. Atônita diante da própria fragilidade, consolava-se ao pensar: – “Beijo na mão não é adultério”. E cada vez gostava mais de Eurilo. Ele, certo da própria força, começou a querer um encontro num interior. Glorinha horrorizou-se: – “Isola!”. Falava, porém, da boca para fora. No fundo, a ideia produzia nela um deslumbramento absoluto. Ele insistiu um dia, dois, três; dizia: – “Olha, é um apartamento num edifício residencial, cheio de crianças”. Sugeriu a fórmula: – “Você entra e sai sozinha”. Objetou:

– “E meu marido”. Ele teve um protesto: – “Você só pensa no seu marido e em mim não. Parei contigo”. Glorinha soluçou no telefone: – Vou, pronto. Não é isso que você quer? Vou.

O MARIDO

Ela compareceu, pontualmente, às quatro horas. Entre um beijo e outro, num delírio de carinho, confessou: – “Quando te vi, na fila de ônibus, eu senti que não amava meu marido, que não conhecia o amor”. Passaram toda a tarde numa felicidade de novela. No limite da noite, e quando Glorinha refazia a pintura, Eurilo lembra-se de perguntar:

– Que tal teu marido?
Vira-se:
– Uma fera!
– Mas fera como?
Glorinha suspira:
– Tem o pior gênio do mundo!
Eurilo apanha e acende um cigarro. Impressionado, insiste: – “Vem cá. Se teu marido descobrisse o nosso caso, faria o que, na tua opinião?”. Ela foi taxativa:
– Meu marido é capaz de matar, dar tiros, o diabo! Um caso sério!

Em pé, no meio do quarto, ele faz, com esforço, a blague:

– Quer dizer que eu estou arriscado a morrer como um passarinho, com um tiro na cara?

Glorinha, que já estava pronta, agarra-se a ele: – Se tu morreres, valeu a pena, não valeu?

Pigarreou:

– Valeu, sim, valeu.

Apanhando a bolsa, Glorinha insiste:

– E te digo mais: eu não teria medo nenhum de morrer contigo!

MEDO

Esse marido desconhecido e sanguinário o impediu de dormir direito. Na manhã seguinte, no escritório, desabafa com o Miranda: – “Imagina tu: eu, caçado a tiro, como um passarinho.” A imagem do passarinho não lhe saía da cabeça. O Miranda, que sofria de asma, que era um pessimista de fundo asmático, dramatizou:

– Abre o olho! Abre o olho! E queres um conselho? Um conselho batata?

– Quero.

Foi sumário, foi brutal:

– Chuta essa fulana! Mulher casada é espeto! Chuta enquanto é tempo!

Coçou a cabeça:

– O diabo é que eu tenho um rabicho tremendo pela pequena! – Baixa a voz e confidencia: – Gostosa pra chuchu!

O outro rosna:

– Então, lavo as minhas mãos. O máximo que posso fazer é mandar uma coroa vagabundíssima quando o marido te chumbar.

DRAMA

Mas o drama estava desencadeado. No medo do marido e na atração pela mulher, Eurilo esteve mais umas três ou quatro vezes com a garota no tal edifício residencial. Até que, um dia, Glorinha, aninhada nos seus braços, quisera: “Gosto tanto de ti, que se meu marido quiser me beijar eu não deixo, compreendeu? Não deixo”. Ele não entendeu: – “Não deixa como? Não é tu

marido?”.

Falou:

– Não me interessa se é meu marido. O fato é que eu não traio você nem com meu marido!

Pálido, argumenta: – “Mas se você fizer isso ele vai perceber, vai desconfiar. Claro!”. Glorinha teve um rompante heroico: – “Se desconfiar, azar o dele! Não tenho medo de morrer, meu filho! Nenhum, nenhum!”. E gabou-se, feliz do próprio temperamento: – “Eu sou assim!”. Apavorado, Eurilo deu-lhe conselhos: – “Meu anjo, vamos agir com a cabeça. Nada de precipitações. Pra que, não é mesmo?”. Ela explode:

– Você acha o quê? Que eu, amando você, vou aceitar beijos de outro homem? Nem por um decreto! E tu aceitarias isso? Responde! Aceitarias essa sociedade?

Gaguejou: – “Mas é teu marido!”. E ela, horrorizada: – “Oh, Eurilo!”. Ele é obrigado a reagir contra o próprio pânico:

– Claro que eu não aceitaría a sociedade, evidente! Em todo caso, cuidado!

EXPLOSÃO

O pior aconteceu, três ou quatro dias depois, Glorinha chega e anuncia: “Deu-se a melodia!”. Eurilo ergueu-se, em câmera lenta: – “Como?”. A pequena resume:

– Eu sou mulher de um homem só. Te avisei, não avisei? Que não admitia sociedade? Pois é. Deixei uma carta para meu marido, contando tudinho, e vim pra ficar.

Estupefato, Eurilo, que estava sentado, ergueu-se: – “Contou tudo como? Você está louca?”

Bebeu? Quer que teu marido me dê um tiro? Fala! Queres?”. Estendia as mãos crispadas para Glorinha; e tinha, no seu pavor, um esgar de choro. Ela fez espírito: – “Mas não é possível! Você está com medo?”. Eurilo teve a confissão heroica:

– Claro! Estou com medo, sim! Medo! Tu sabes o que é medo, sabes? – Sentou-se, tiritando: – Vou morrer, meu Deus! Vou levar um tiro!

Levantou-se, correu à porta, torceu a chave. Andava de um lado para outro, numa alucinação: – “Não saio mais daqui! Vou ficar aqui, como num túmulo!”. E, de fato, durante três dias, encerrou-se no apartamento. Na sua abjeta pusilanidade não escovava os dentes, não fazia a barba. Passava os minutos, as horas, implorando à menina: – “Volta pra teu marido! Volta!”. Glorinha resistia a princípio, com medo de represálias. Mas cansou-se de ver aquela covardia ululante: – “Você não é homem, nem nada!”. Acabou voltando para o lar. Levava, na alma, o tédio, o enjoo, o nojo do pecado. Mas o marido, ao vê-la esbravejou:

– Ah, ele te mandou de volta? Mandou? Cachorro!

Quarenta minutos depois, o marido entrava no apartamento do Eurilo, levando a mulher pela mão. Eurilo encostou-se à parede, chorando. O fulano espetou-lhe o dedo na cara:

– Não aceite devolução! Ou tu ficas com minha mulher, ou eu te dou um tiro na boca. Escolhe!

Eurilo caiu, de joelhos, num choro ignóbil: – “Fico, sim, fico!”. O outro saiu dali assoviando, feliz da vida.

O B E I J O , A N T O L O G I A 1 9 9 8

Casa do Novo Autor – casadonovoautor@uol.com.br; www.estantevirtual – Gentileza de Maria Guilhermina

O mar veio a mim
devassou minha tenda de mistérios
acariciou-me em suas ondas
beijou meu corpo
prometeu alturas de penhascos
mergulhou em meus sentidos
cobriu-me de verão
e me falou de amor
o mar viveu comigo
revisitou minha fome de promessas
aliciou-me entre cascalhos
segredou perigos de abismos
na tatuagem de beijos
redesenhou em minha praia
mentiras de verão
arabescos de mim
no fascínio do aceno
eu me deixei levar pelo seu canto
entre peixes dourados de mel
entre rendas tecidas ao sol
no gestual milagre da oferenda

na fome crescente de beijos
em lascívia e luz virei sereia
e me entreguei ao mar!
Maria Guilhermina, Fascínio
Em meu viver afloram
minhas recordações saudosas
como eram belos os dias
de meus verdes anos!
Minha infância querida
doces perfumes florais,
raios dourados, cintilantes, magistrais
tudo belo, tudo puro, tudo inocência!
E agora, longos anos
já se foram,
parecem séculos!
Oh! Que saudade matreira
de ti, meu primeiro amor!
Como era bom ter-te,
amor de minha infância!

Amor que venceu os anos
que ainda teima em reinar
por aquele beijo roubado
que deste sem perguntar!
Faltou-me chão,
meus olhos viram estrelas
apenas um segundo
fiquei a sonhar!
Como foste auidaz
me deste meu primeiro beijo
um beijo roubado
que deste sem perguntar!
Oh! Que saudade infinita
aurora de minha vida!
Meu coração
já cansado de esperar
longos anos,
eternos dias,
morre devagar
daquele beijo roubado

pra sempre vou lembrar!
Rosângela Bertoincin,
Beijo roubado
Como não te beijar com amor.
Se és tu, que oras
pela minha saúde,
que te reocupas comigo,
mesmo quando estás longe?
Como não te beijar com amor
se és tu que me proteges
no abraço que me acolhes
em teus braços
e quando me vês de longe
vens ao meu encontro?
Como não te beijar com amor
e não sentir gratidão
se divides comigo
a educação dos nossos filhos,
as noites mal dormidas,
quando não estão bem?

Como não te beijar com amor
se quando me magoas,
dizendo palavras ásperas,
mas no fundo do peito, sei
que queres dizer o contrário?
Como não te beijar com amor
quando me valorizas
cheio de sentimentos
e se és o meu companheiro
na batalha da vida em busca
da Paz,
afinal temos um Mestre
e sabemos que isto é capaz?
Como não te beijar com amor
se é contigo que aprendi a
amar se és a minha inspiração
se formamos juntos
um só coração?
Sonia Maria dos Santos Pereira,
Beijos à minha cara metade

Tão perene na existência do homem,
nos desejos da alma dormem.
Busca de amor e carícia pela vida,
toca o rosto de uma jovem lívida.
Às vezes delicada flor de amor,
às vezes nos causam dor e temor.
Força estranha que une e atrai,
mas a muitos distrai.
Tão praticado que se tornou comum,
ato de dois que se faz um.
Weslei Roberto Cândido,
Beijo comum

Nasce a aurora e, mansamente,
mostra em cada amanhecer
a realidade que a gente
faz tudo para esquecer.
Ademar Macedo
Ser mãe é ser milagrosa.
Fonte eterna da esperança,
a mãe é sempre formosa,
o filho é sempre criança.
Arlindo Castor de Lima
Embora desiludida,
alma cansada e sincera,
por muito te doa a vida,
não desanimas!... Espera!
Auta de Souza
Por nada tenho ambição,
com riqueza não me iludo;
pela só contemplação
eu tenho a posse de tudo.
Bento de Carvalho Rabelo
Nós somos mal informados.
Nossas chances são pequenas,
por vivermos mergulhados
sob as ilusões terrenas.
Chico Mota

Educar uma criança
com um trabalho eficaz
é ter plena confiança
de não punir o rapaz!
Clarindo Batista
Ferindo feito um punhal,
cravado sobre meu peito...
Destino – a causa banal
do meu romance desfeito.
Djalma Alves da Mota
Crer no amor é crer na vida,
saber amar é viver.
Quem descrê do amor duvida
da própria razão de ser.
Esmeraldo Siqueira
No chão cinzento da terra,
restava um sinal de cor:
não era o sangue da guerra,
mas o vermelho... da flor!
Eva Yanni Garcia
No calor das minhas lutas,
nos sufrágios, com cautelas,
vou votar nas prostitutas,
me cansei dos filhos delas!
Fabiano de Cristo M. Wanderley

Cadeira velha!... Esquecida,
sem dono e sem mais ninguém...
Só a saudade atrevida
reclama a ausência de alguém!
Francisco (Prof.) Garcia de Araújo
Faça de um simples Bom dia,
um ato de comunhão...
Levando ao outro a energia
que está no seu coração!
Francisco Neves Macedo
Com grande amor pelos pobres,
animais e passarinhos,
São Francisco de ações nobres
só nos deixou bons caminhos.
Hilton da Cruz Gouveia
Teus seios são duas crias
de um encantado viveiro;
são duas rolas bravias
pousadas num jasmineiro!
Jayme dos Guimarães Wanderley
Nos bons tempos de criança,
sonhava rei ser na vida.
Hoje toda esta esperança
é ser teu servo, querida.
Jayme Paulo Filgueira

Eu creio em Deus, sou devoto,
amo o Brasil com fervor,
mas nunca mais dou meu voto
a quem não me dá valor.
Joamir Medeiros
Nossa cultura estará
com Cascudo e Otoniel,
com Auta e Itajubá,
representada no céu.
João Alfredo Pessoa de Lima Neto
Natal é cidade amada,
do Potengi a consorte.
– É bela joia engastada
no Rio Grande do Norte!
João Carlos de Vasconcelos
Caçador, foste por mato,
mataste mil passarinhos,
e eu te pergunto, insensato:
– quem leva comida aos ninhos?
José Amaral
O cego, com dedos certos,
tange a sanfona dorida,
e eu, com dois olhos abertos,
erro nas teclas da vida.
José Lucas de Barros 65c

Vivendo, embora, a existência
distante da perfeição
que me falte a luz da ciência,
mas nunca a luz da razão.
José de Souza Revoredo Neto
Das luzes da mocidade,
que deram luz à ilusão,
sobrou sombra de saudade,
dando sombra à solidão...
Luiz Dutra Borges
A mulher de meia idade,
madura e bem assumida,
tem a preciosidade
de uma vinha enobrecida.
Luiz Gonzaga da Silva
Pode ir embora, querida...
Que eu guarde a dor compulsória
de ter que arrancar da vida
quem tatuei na memória.
Manoel Cavalcante de Souza Castro
Segue o tempo, indiferente,
pela idade, em despedida...
Passa, mas deixa presente
o doce encanto da vida!
Mara Melinni de Araújo Garcia

Depois do desastre feito
e do pranto derramado,
fica o rio sem o leito,
o homem sem o pescado.
Marcos Antonio Medeiros
Se estás perto, que alegria!
Se estás longe, quanta dor!
– Vive assim, nesta agonia,
quem padece o mal de amor.
Maria Silva Carriço
Sábias leis, sistemas novos,
pomposos rituais nos templos...
– Bem melhor conduz os povos
a força dos bons exemplos.
Mariano Coelho
A lágrima, na verdade,
por ser poder infinito,
traduz com fidelidade
o que não pode ser dito...
Reinaldo Moreira de Aguiar
Minha cidade é tão linda!
Não há decerto outra igual.
– Ostenta beleza infinda
no próprio nome: Natal!
Reinaldo Moreira de Aguiar